



TEORIAS PSICOLÓGICAS SOBRE SUBJETIVIDADE¹

Tercio Inacio Jung²

¹ Retirado do TCC do curso de Psicologia; TCC completo em:
<https://dialogoscatarticos.blogspot.com/2024/07/tcc-do-curso-de-psicologia.html>

² Acadêmico do curso de Psicologia

RESUMO

Neste escrito, buscaremos apontar alguns caminhos que foram pavimentados na temática do humano, ou melhor, do psiquismo, por autores contemporâneos, que persistiram na busca por respostas, prosseguindo no mapeamento da subjetividade. Dentre os vários autores e teorias psicológicas sobre a subjetividade, acabamos tendo que optar por alguns, como: Jung, Winnicott, Adler, Rogers e Freud.

Palavras-chave: Subjetividade. Estrutura psíquica. Autoestima. Psicologia Individual. Psicologia Humanista.

ABSTRACT

In this writing, we will seek to point out some paths that were "paved" in the theme of the human, or rather, the psyche, by contemporary authors, who persisted in the search for answers, continuing to map subjectivity. Among the various authors and psychological theories about subjectivity, we ended up having to opt for some, such as: Jung, Winnicott, Adler, Rogers and Freud.

Keywords: Subjectivity. Psychic structure. "Self esteem". Individual Psychology. Humanistic Psychology.

INTRODUÇÃO

Nesse escrito serão apresentadas, algumas teorias psicológicas voltadas sobre a temática da subjetividade como objeto de estudo da Psicologia, apontando para caminhos que já foram pavimentados na temática do humano, ou melhor, do psiquismo. Autores contemporâneos que persistiram na busca por respostas e prosseguindo no mapeamento da subjetividade: Jung fala em *individuação*; Winnicott fala em desenvolvimento do *Self*; a Psicologia Individual, patrocinada por Adler, trata do *indivíduo*; Rogers e a Psicologia



cientificamente, os conceitos e teorias sobre a subjetividade, propostas por distintos teóricos da psicologia.

CARL GUSTAV JUNG E A *INDIVIDUAÇÃO*

Na abordagem junguiana, o processo de *individuação* (JUNG, 2015), não se refere apenas à descrição do processo pelo qual a personalidade é formada nas diferentes fases da vida: infância, juventude e idade adulta, já que isso seria equivalente à soma dos fatores biogenéticos, psicogenéticos e culturais. E se fosse esse o caso, a *individuação* seria muito semelhante à individualismo. Individualismo significa focar-se deliberadamente em alguma particularidade pessoal, querendo ignorar as obrigações coletivas. Entretanto, para Jung, a *individuação* promove uma consciência que ultrapassa os limites traçados por um desenvolvimento governado pelo individualismo.

Conforme a teoria de Jung, na *individuação*, ocorre apenas, como que um desvio do coletivo, quando a pessoa busca afastar a consciência de hábitos estabelecidos e de atitudes condicionadas pela cultura, procurando orientá-los em direção a um horizonte muito mais amplo, de compreensão de si mesmo e dos outros, com a qual ocorreria uma expansão da consciência. Inclusive, para Jung, neste processo de desenvolvimento subjetivo/interior, os conteúdos arquetípicos vindos do *inconsciente coletivo* (JUNG, 2014), tenderiam a se atualizar através da consciência particular, buscando uma conformação individual na vida e na existência subjetiva. Entretanto, devido à sua oposição à consciência, os arquétipos coletivos não podem ser transferidos imediata e diretamente. Assim, é necessário e salutar, encontrar um caminho – subjetivo - que abra a comunicação entre a realidade consciente e o mundo inconsciente.

Um princípio fundamental da psicologia junguiana é que a *psique* é um “sistema auto regulado”, que busca constantemente, manter o equilíbrio entre diferentes forças: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Esse princípio também afirma que a *psique* tende a compreender a realidade humana como uma luta entre essas forças, muitas vezes, antagônicas. É realmente uma forma de compreender e explicar os fenômenos do mundo humano em termos de forças que precisam ser conciliadas para que cada pessoa possa progredir no seu desenvolvimento. O processo de tal “pacificação” é a capacidade de formar a subjetividade, ou seja, uma personalidade própria, unificada e coerente.

Certas particularidades pessoais, não podem ser alcançadas através de caminhos prescritos por normas coletivas, de forma que o indivíduo precisa conseguir se adaptar tanto para a vida externa quanto ao seu mundo interno, ou melhor, para que a *individuação* seja possível, é necessário, por um lado, que o indivíduo tenha alcançado primeiro, um mínimo de adaptação às normas coletivas, mas, por outro lado, esta adaptação não é alcançada sem que haja certo enfrentamento destas. Assim, a *individuação* requer uma orientação diferenciada,



qual seja: uma diferenciação entre o que é o geral ou coletivo e a formação do que é ou será o subjetivo, o que coincide, em grande medida, com o desenvolvimento da consciência.

Isso fica mais claro quando se leva em conta o conceito de indivíduo, cuja definição nos é oferecida por Jung em seu escrito Tipos Psicológico (JUNG, 2013): O indivíduo caracteriza-se por possuir um psicológico singular e, em certo sentido, único. O *inconsciente coletivo* tem um caráter generalizante e indiferenciado, portanto, necessita de um processo de diferenciação, transformando em consciência, assim como, tornando-se subjetividade, ou ainda, diferenciando-se dessa forma em relação aos outros indivíduos.

Entretanto, em relação a essa temática, convém enfatizar ainda, um entendimento equivocado sobre a questão da individuação e da adaptação em relação ao mundo externo, segundo o qual, esse processo enfatizaria apenas, a adaptação do *Ego* ao seu mundo interno, negligenciando o mundo exterior. Pelo contrário, Jung afirmou: o indivíduo não é apenas uma entidade singular, mas a sua própria existência pressupõe a relação com uma coletividade, assim, o processo de *individuação* não leva ao isolamento, mas, a uma coesão coletiva ainda mais intensa e universal. E acrescenta: “A individuação não fecha as portas ao mundo, mas sim reúne-o para si” (Jung 2013).

Na opinião de Jung, um dos propósitos da análise, talvez o principal, seja ajudar no processo de *individuação*. Embora, muitos considerem que a individuação pode começar em qualquer idade, está claro que o surgimento de sua necessidade, geralmente, se impõe com mais frequência, durante a segunda metade da vida. Isto faz sentido, tendo em conta que, durante a primeira metade da vida, o indivíduo tende a estar mais focado em criar, geralmente, uma pessoa adequada socialmente, ou melhor, uma *persona*, uma máscara social que permite a adaptação e aceitação no mundo externo, bem como fortalece o próprio *ego*, o que será de extrema importância para resistir às pressões exigidas pela emergência de conteúdos inconscientes durante a *individuação*.

A *individuação* inclui mais do que o projeto alcançável na primeira metade da vida, ou seja, o desenvolvimento do *ego* e da *persona*. Conforme Jung, uma vez que isso foi alcançado, outra tarefa começa a se manifestar internamente, porque o desenvolvimento do *ego* idealizado e da *persona* social, deixou fora da estrutura subjetiva uma grande quantidade de material psicológico, como a *sombra*, geralmente ainda não foi integrada, a *anima* e o *animus* permanecem inconsciente, mesmo que esteja agindo em segundo plano, e o *eu/self* mal foi vislumbrado diretamente (JUNG, 2013b).

Aliás, a figura da *sombra* é importante para diferenciar a individuação de outros processos de auto-realização, propostos por diferentes abordagens teóricas, porque o objetivo disso não é dominar a própria psicologia pessoal, nem tornar-se perfeito e nem ser melhor que os outros, mas, simplesmente, familiarizar-se com a própria *psique* e tentar ser mais completo e integrado. Por isso a *individuação*, para Jung (2014), tem aquela fase interna e subjetiva de integração da *sombra*, da *anima* e do *animus*, o que implica uma percepção crescente de nossa



realidade psíquica e subjetiva única, incluindo forças e limitações pessoais, e ao mesmo tempo, uma apreciação mais profunda da humanidade como um todo. Em outras palavras, na medida em que nos vemos mais humanos, poderemos ver aqueles que nos rodeiam humanizados.

WINNICOTT: DESENVOLVIMENTO DO SELF

Winnicott (1979) nos diz que a vida psicológica começa quando surge o *self*, primeiro esboço da autoconsciência, capacidade de perceber o simples fato de estar vivo, fato expresso na continuidade existencial, no registro do ser no tempo, a compreensão elementar da duração e na realização e registro dos primeiros gestos criativos, atos espontâneos capazes de inaugurar uma existência verdadeira e, portanto, fazer nascer um eu verdadeiro.

No início ele vai nos contar, que o bebê e a mãe são um só (Winnicott, 2006). A mãe experimentará uma preocupação materna primária, que se desenvolve gradualmente e se torna um estado de elevada sensibilidade durante a gravidez e continuará assim até algumas semanas após o nascimento do bebê. A mãe sofre de uma abstinência, centrando a sua existência no filho recém nascido. Este é o vínculo que Winnicott chamou de identificação primária ou de identidade. Este vínculo permite capturar, diretamente, tudo o que acontece com seu filho a fim de poder satisfazer suas necessidades instintivas. Essa doação, torna-se quase uma doença, do qual a mãe se recuperará mais tarde. Porém, é necessário que a mãe guarde uma pequena parte dela em contato com a realidade externa, classificado por Winnicott como um *estado esquizóide normal*. Winnicott nos dirá também, que esta preocupação primária materna e esta dissociação não são facilmente lembradas por mães depois de se recuperarem deles, que tenderão a ser reprimidos.

Assim, para Winnicott, um instrumento primordial no desenvolvimento do bebê é a identificação, pela qual se transporta como que para dentro de um objeto para coincidir com o que tem único e, portanto, inexprimível. Essa identificação – não só normal em o desenvolvimento da criança, mas também essencial para a sua sobrevivência – apenas pode ser vivido assim mais tarde, em profundas regressões psicóticas, e é basicamente incomunicável, assim como o fenômeno no vínculo materno-bebê também se instala regressivamente para a mãe em um momento anterior ao verbal.

Winnicott também fala da criação da atividade principal, que tem a ver com o seio da mãe que é constantemente recriado pela criança em razão de sua necessidade. A mãe situa o seio real no lugar onde a criança está disposta a criá-lo, e no momento apropriado. A ilusão tem a ver com a onipotência da criança, a ideia de ter criado o objeto que encontra. A mãe se apresenta como objeto para o bebê, bem como, às vezes, permite que ele acredite que ela é a criação dele. O primeiro ato criativo está, então, na possibilidade de criar um objeto que na realidade está ali porque a mãe, adaptada às necessidades do eu de seu bebê, o colocou ali no momento certo e na forma em que o bebê o estava criando.



Quando a adaptação da mãe é adequada, o bebê desenvolve a ilusão de que a realidade corresponde à sua capacidade de criá-la. A *mãe suficientemente boa*, para Winnicott, seria aquela que se adapta às necessidades do filho, de forma adequada ao momento de maturação. No início da adaptação é tal que o bebê não percebe isso, só toma consciência do ambiente protetor quando sente suas falhas, pela ruptura da continuidade existencial que estas provocam. A adaptação ao ambiente inclui necessariamente, a possibilidade da *falha*. O bebê aprende a tolerar gradativamente a ausência, baseado na confiança do reaparecimento da mãe. Ela estabelece o processo de desilusão, sobre a ilusão que ajudou a criar anteriormente. A mãe não consegue fornecer constantemente tudo o que seu filho necessita, e então o bebê começa a registrar as ausências e frustrações, questionando sua experiência onipotente e passando a reconhecer o mundo exterior. Porém, a falha precoce e persistente da mãe, se ela lhe impõe a alteridade e não permite que o bebê a descubra, obriga o bebê a se adaptar ao ambiente e a se tornar mãe de si mesmo para sobreviver. A *mãe suficientemente boa* é uma mãe ideal, capaz de fazer com que o filho vivencie a frustração necessária ao desenvolvimento do seu desejo e da sua capacidade de individualização.

Na estruturação do *self* é preciso ir da dependência em direção à independência (WINNICOTT, 2005). A criança começa em estado de dependência absoluta. O bebê é dependente, mas ele não tem ideia de sua dependência e portanto, a onipotência reina e o narcisismo primário, também. Gradualmente a criança terá um período de dependência relativa, caracterizado pela separação entre ele e o meio ambiente: a mãe, onde a criança percebe que seus suprimentos para sobreviver vêm de outro e são exteriores a ele. Se tudo correr bem, a criança se desenvolverá em direção à independência. A independência absoluta não existe, já que o ser humano saudável, sempre precisa ser social ou sociável, não isolado, o que envolve sempre um certo grau de dependência: ser subjetividade na intersubjetividade.

A integração é um processo que depende de uma tendência psicológica herdada, e que deve ser apoiada ou complementada por uma atividade do ambiente materno, o qual Winnicott chama de *holding* (WINNICOTT, 2006). Quando o bebê nasce possui elementos motores e sensoriais rudimentares que lhe darão um padrão de existência, serão a matriz condutora de uma experiência de continuidade existencial, na qual assentará uma elaboração imaginativa de desempenho corporal. No começo um desenvolvimento a partir de um estado não integrado que não é traumático porque a mãe amparará. A proteção oferecida pela mãe impede que o eu precário do bebê se angustie em demasia, que esta tem diferentes formas de ser vivenciada, todas estão ligadas à ansiedade psicótica, ou seja, fragmentar-se, cair incessantemente, ou desligar-se do corpo. O aparecimento desta ansiedade em qualquer das formas citadas, provoca a ruptura da continuidade existencial. Se durar ao longo do tempo ou se repetir, pode causar diversas patologias. Winnicott (2006) diferencia a desintegração: processo sistema defensivo que gera patologias; da não integração: estado natural de qual parte é tomada para alcançar a integração graças ao suporte adequado materno; ao qual se pode retornar em determinados momentos



O *holding* da mãe tem a ver com sua capacidade de empatia às necessidades do bebê no momento da dependência absoluta, isto é, quando a separação psicológica entre o eu e o não eu ainda não ocorreu. Isto inclui o suporte físico e psíquico da criança, a satisfação das necessidades fisiológicas e a proteção contra estímulos desagradáveis. O termo *holding* talvez tenha mais sentido em relação ao sustento psicológico do que ao físico. A *holding* tem a ver com a transmissão do ser psicológico, e o *handling* favorece a experiência de ser unidade com o seu próprio corpo.

Isto nos leva ao conceito de *personalização*, de Winnicott, onde o cuidados regulares permitem o desenvolvimento da unidade psicossomática. A *personalização* é um momento de integração que se refere especificamente a integração psicossomática e ocorre concomitantemente com fase de diferenciação do “eu não-eu”, paralelamente ao estabelecimento da pele como fronteira entre dentro e fora, entre o bebê e a mãe. Assim vai se desenvolvendo o esquema corporal da criança e começa a fazer sentido a função da introjeção e da projeção.

Winnicott destaca que a vida não deriva exclusivamente do instinto e que existe um estado anterior de se sentir vivo, no qual ainda não há vitalidade e daí emana o “ser”. A mãe deixa emergir o ser do filho “sendo e não fazendo”. Mas, desde o começo há experiências ambíguas, causadas pela tensão gerada pelos instintos, uma mobilidade primária, uma vida que condiciona o orgânico. A energia primitiva é uma energia não diferenciada e no amor primitivo há um componente agressivo, não intencional. Gradualmente vão se diferenciando as pulsões e a libido começa a encontrar plena satisfação na experiência do mamar, ou melhor, em relação com um objeto subjetivo, criado pela criança.

Assim, o papel materno de sustentabilidade acompanha a integração do eu e permite a passagem da dependência à independência. A experiência ilusão-desilusão levará a constituição do *objeto transicional* (WINNICOTT, 1982). Nesta alternância de ilusão-desilusão, o bebê cria uma ponte imaginária que permite manter a integridade do “eu” e a continuidade existencial, enquanto ilusão do reencontro com a mãe. A evoca a partir dos traços da percepção, de uma forma quase alucinatória, que representa o início dos processos transitórios. Essas experiências são as precursoras da capacidade para o uso de símbolos e da abertura para os fenômenos culturais.

ADLER E A PSICOLOGIA INDIVIDUAL: SENTIMENTO DE INFERIORIDADE

Para Adler (1870), ao nascer, já começa a se formar o que é o início de todo desenvolvimento psíquico: a distinção entre o eu e o mundo exterior.

Nesta fase de encontrar a si mesmo, que se fecha por volta do primeiro ano de idade, a criança não tem um desenvolvimento da condição física correspondente à psicológica e esta desproporção continua por muitos anos. No animal uma suposta “consciência do eu” coincide



órgãos, aparência física, desvio da linha normal (magreza, gordura, estatura muito alta ou muito baixa...). Especialmente defeitos externos, por causa das zombarias dos outros, causam desânimo, quase sempre acompanhado de uma ambição latente, mas viva, de superar o próprio defeito. O que dá origem a tentativas tumultuadas e desordenadas, direcionado a isso, sempre acompanhado pelo *sentimento de inferioridade* mais agudo, sentimento de estar infeliz, de não ter sorte, de ser vítima, etc. Um sentimento que leva a graves consequências sociais é o da criança pobre que, na escola muitas vezes, vive na companhia de colegas ricos, com quem se confronta constantemente e sente que nunca será capaz de alcançá-lo. Tal condição não é sentida apenas como um infortúnio, mas pode deixar marcas profundas de inferioridade.

Desse desânimo surgem, imediatamente ou mais tarde, os caminhos fáceis de obter uma superioridade efêmera e/ou uma falsa vantagem: começa com testes de virilidade ou superioridade sobre os pares (tabagismo, álcool, libertinagem) até chegar, em muitos casos, ao crime e à prostituição. Mas para que o desânimo, segundo Adler, leve ao vício ou à doença, são necessários mais fatores, entre os quais estão: as condições especiais do que Adler chama de *constelação familiar* (VON PERFALL, 1999), isto é, o lugar que a criança ocupa na família.

O filho único, que costuma ser muito ajudado, quase sempre não quer ficar sozinho, no primeiro dia de aula sofre uma crise, quando se encontra entre muitos e com os quais ele precisa dividir a ajuda do professor. A primogenitura tem seus perigos, ou seja, muito se pretende do primogênito: deve dar o exemplo aos outros e tem medo de não ter o sucesso esperado. O último filho é quase sempre pessimista, ou melhor, para Adler, a impossibilidade de superar a distância entre os irmãos mais velhos, a consciência de ser o menor e o mais fraco, intimida-o desde o início. Muitas vezes, mais tarde, ele se transforma em um personagem rebelde e ousado, que é derrotado pelo primeiro obstáculo que encontra. Ainda o caçula, quando passa muito tempo longe das outras crianças e convive muito com os adultos, encontra-se em condições semelhantes às do filho único.

De acordo com a psicologia individual de Adler, devemos procurar um equilíbrio e uma compensação entre a tendência de se afirmar pessoalmente e o sentimento social. Evidentemente, é o sentimento social que o educador/o adulto deve reforçar, pois tal sentimento - que será cada vez mais solicitado, já que a vida em sociedade será inevitável - quase não é “sentido” na infância.

Mas, como resulta dos dados da psicologia individual adleriana, toda tendência hostil à sociabilidade é uma manifestação de inferioridade e falta de fé em si mesmo. Na verdade, só quem acredita em si mesmo encontrará a calma e a segurança interior que induzem a pensar não apenas em si mesmo, mas também nos outros. Assim, para aumentar o sentimento social, é preciso antes, aumentar a fé/a estima em si mesmo.



ROGERS E A PSICOLOGIA HUMANISTA: *AUTORREALIZAÇÃO*

Rogers (1902) também se interessou no estudo da própria pessoa, ou seja, da subjetividade. Para tanto, ele desenvolveu uma teoria da personalidade centrada no “eu”, na qual a pessoa é vista como um ser racional, na busca de um melhor conhecimento possível de si mesmo e de suas reações, propondo também, o autoconhecimento como base da personalidade e que cada pessoa é um ser individual e único. Rogers em sua teoria da personalidade dá uma importância fundamental para dois construtos, que serão a base disso: o *organismo* e o *eu*.

O *organismo* (ROGERS, 1978), seria o centro de qualquer experiência que inclui tudo o que acontece internamente no corpo. Essa totalidade experiencial constitui o campo fenomênico que é o quadro de referência individual, conhecido apenas pela pessoa. Na verdade, a forma como a pessoa se comporta depende do campo fenomênico que ela percebe, ou seja, de uma percepção subjetiva e não das condições estimulantes (realidade externa). Este campo fenomenal seria então, para Rogers, a simbolização de parte das experiências de cada pessoa, ou seja, pessoal/própria de cada um (é possível, no entanto, a experiência não ser representada corretamente). De acordo com a teoria de Rogers, todas as pessoas tendem a confrontar as suas experiências simbólicas com o mundo objetivo, esta verificação da realidade fornece ao sujeito um conhecimento confiável do mundo, permitindo-lhe comportar-se adequadamente na sociedade, porém em algumas ocasiões, essas “verificações” podem estar incorretas e podem levar a pessoa a ter um comportamento carente de realismo.

O *eu* (ROGERS, 1983), por outro lado, seria uma parte do campo fenomênico que aos poucos se vai diferenciando e que em última análise representa o que a pessoa é. Além do “eu mesmo” como tal, existe ainda, para Rogers, um eu ideal que representa o que a pessoa gostaria de ser. Pode-se aferir então, que o eu é constituído por um conjunto mutável de percepções que se referem mais à própria pessoa do que ao mundo externo. Como exemplo desse conjunto de percepções teríamos: características, atributos, capacidades, fraquezas, valores, etc., que o sujeito reconhece como descritivo de sua pessoa e que ele percebe como partes de sua identidade.

O *organismo*, conforme Rogers, possui a tendência inata à atualização, que preside ao exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. Constantemente tende ao desenvolvimento das potencialidades, para garantir a sua conservação e enriquecimento, tendo em conta considerar as possibilidades e limites do ambiente. Portanto, uma vez que o eu ou *self* é parte do organismo, podemos concluir que ele também está sujeito a tendência atualizadora. A tendência para atualizar o eu atua constantemente e tende também, ininterruptamente, à conservação e ao enriquecimento de si mesmo, ou seja, opõe-se a tudo que possa ser um risco/ameaçador. Contudo, o sucesso ou a eficácia desta ação, não depende da situação real ou objetiva, mas, da situação como o sujeito a percebe, e o sujeito percebe a situação, em grande medida, em função da noção que tem de si mesmo. Poderíamos dizer então que, segundo Rogers, o mundo é percebido pelo prisma do eu, ou seja, o que se refere



ao eu, tende a ser percebido em “relevo” e é suscetível de modificação, dependendo dos desejos do sujeito, enquanto o que não tem relação com o *si mesmo*, tende a ser percebido de uma forma mais vaga (ROGERS, 1997).

Para ilustrar, podemos mencionar o caso de um sujeito que é convidado a participar de um festival de música. Se ele se perceber como uma pessoa “desafinada”, evitará entrar na competição, não importando quão talentoso seja e quão vantajosa seja a oportunidade. É porque, para ele, a participação no concurso, em vez de representar uma oportunidade de enriquecimento, implica num risco para a conservação do eu, tal como ele o/se percebe. Podemos inferir disso, que o sujeito se percebe como pouco resistente ao fracasso ou a frustração. Em consideração a tal concepção de si, a tendência de atualização, em vez de incitar o sujeito a participar do festival, leva-o, antes, a abster-se, a fim de “defender” a imagem que tem de si mesmo (ROGERS, 1977).

Isso posto, podemos observar que a eficácia da tendência de atualização do *self* depende da percepção realista de si mesmo. A noção de si mesmo é realista quando há correspondência - ou *congruência* - entre os atributos que o sujeito acredita possuir e aqueles que realmente possui.

Isso posto, podemos afirmar que Rogers contribui muito com o progresso da Psicologia Humanística, este ramo da Psicologia, denominado terceira força, que começou no início da década de 1950. Psicólogos humanistas protestaram contra o que consideravam uma estreiteza, tanto se referindo a psicanálise quanto ao behaviorismo. O humanismo tentou expandir os domínios da psicologia incluindo todas as experiências humanas, que são únicas, que não são abordáveis de forma científica, uma vez que não podem ser medidas objetivamente, ou melhor, em laboratórios.

Concebendo a pessoa como um todo no qual os fatores físicos estão inter-relacionados com o emocional, o ideológico e o espiritual, formando o ser real, que precisa existir e viver, a psicologia humanista vê um ser completo – e não em partes - levando em conta cada aspecto e sua influência no todo.

PSICANÁLISE E SUBJETIVIDADE

A concepção de um aparelho psíquico que inclui um *inconsciente* e modifica sucessivamente seus registros, altera crucialmente a noção de “eu” como um lugar de verdade que prevaleceu até o surgimento da teoria freudiana, abrigada pela prevalência da concepção de cogito cartesiano, racional e indivisível. O cogito freudiano, ao contrário, revela o eu como um lugar de ocultação, demarcando esse sujeito e eu sou termos que não se recuperam. A questão do sujeito claramente passa por uma mudança radical da lógica psicanalítica e da concepção de “eu” (GARCÍA-ROZA, 2001). Ao longo da teoria freudiana, pegamos



informações de que o eu é uma instância que emana da percepção e que tem como seu traço essencial estar consciente.

No entanto, a maior ênfase da vida psíquica em Freud é dada ao *inconsciente*, apresentando o eu - que tinha até então como o local da experiência subjetiva - como sendo passivamente afetado por essa "parte escura" do aparato psíquico. Haveria, portanto, dois princípios: a percepção, em estreita relação com o princípio do prazer/realidade, e a pulsão, relacionado a uma satisfação que está além desse modo de operação, não se restringindo a ela.

É em 1914, no *narcisismo*, que Freud (1914/1996) dá uma definição mais explícita para o eu. Diante de sua constituição no ser humano, haveria um momento inicial chamado de "auto-erotismo", marcado pelo surgimento da pulsão de um desvio do instinto. O movimento pulsional, naquela época, ainda seria anárquico, uma vez que não houvesse imagem unificada do corpo em que poderia investir sistematicamente. O eu, na verdade, seria sua constituição intrinsecamente ligada à reversão libidinal dos impulsos que coexistem na fase auto-erótica e que então se unificam. Nesse segundo momento, o que Freud (1914/1996) chama de *narcisismo primário* é realizado, um estado inicial em que a criança investe em si mesma e que prepara o terreno para o *narcisismo secundário*, quando o impulso já está orientado para objetos, mas retorna sucessivamente para si mesmo. Aqui a oposição entre pulsões do eu e objetivos é derrubada, uma vez que os dois passam a ser vistos como da mesma natureza, diferenciados apenas pelo objeto de investimento a cada momento.

Em resposta ao narcisismo infantil, temos a formação do ideal, que estabelece demandas mais intensas para si mesmo, efetuando assim a necessidade de destacar quando se percebe uma diferença entre o ideal e o que o eu oferece. Identificação com a fonte parental, um modelo que o indivíduo tenta conformar, converge com o narcisismo, resultando no que Freud chama de ideal de si mesmo. Portanto, existem duas identificações. O primeiro, o narcisista primário, é pré-edípico, e o outro, um narcisista secundário, já pressupõe a construção de outro.

A construção do *eu*, conclui-se, ocorre gradualmente ligada à consciência e ao inconsciente. Seria a parte do inconsciente que foi modificada pela proximidade e influência do mundo externo, servindo como mediador o que coloca em confronto o princípio do prazer e da realidade. Outro exemplo, por sua vez, seria constituído como uma instância autônoma e agente crítico: o *super eu*, com função de auto-observação, consciência moral e eu ideal (García-Roza, 2001).

O ano de 1920 significa uma transformação de direções na elaboração psicanalítica, a partir do momento em que Freud (1920/1996) postula a existência de algo para além do princípio do prazer e, por extensão, do princípio da realidade - até então, tinha como lógica o funcionamento exclusivo do aparelho psíquico. Se é possível enfatizar os representantes pulsantes que geram o desagrado, não é possível, por outro lado, silenciá-los definitivamente. Compulsão à repetição é o que escapa ao princípio do prazer, buscando a satisfação pulsional



a todo custo, impondo-a como requisito. Seria tarefa do analista superar a resistência e emergir, em intervalos e acima do quadro inercial imposto pelos ideais.

A partir dessa afirmação, podemos começar a inferir que o *inconsciente* pode ser tomado como um dos nomes do sujeito em Freud, aquele que emerge/aflora para a rápida manifestação de uma ideia ou faísca, de forma independente, em um evento pontual.

A concepção dualista de *despojamentos sexuais e auto-dispersão*, suspensa a partir do momento em que o *eu* se torna confrontado como alvo de investidura sexual, é então transferida para a oposição em face da vida e da morte. Pode-se pensar em uma categoria de *pulsão* que tende a repetir, à conservação e a outra que leva à descarga, a produção. Em ambos os casos, o objetivo é a constância, baseada na satisfação completa e intangível, "repetição de uma experiência primária de satisfação" (FREUD, 1920/1996, p.52).

Por trás das resistências, Freud permitiu vislumbrar, naquela época, a noção de *desejo*, um dos pontos cruciais de sua teoria. É pelo confronto entre pulsão e ideal que o desejo traz uma desordem entre o conjunto de representações de si e do mundo e a permeação dessa identidade que a pulsão traz. Mais uma vez, vemos rapidamente, algo do assunto quando falamos sobre a natureza fugaz do desejo, seu aparecimento repentino e sempre passageiro.

Em 1933, na Conferência XXXI, Freud (1933/1996) pronunciou a frase "*wo es war, soll ich werden*), comumente traduzida por "onde o *es* está, o *eu* deve estar". O descentramento do "eu" como fonte de todos os atos humanos permite-nos colocar a questão sobre o sujeito. Para Freud, "sujeito" não é um conceito explicitamente construído, mas algo que emerge nas entrelinhas, apresenta-se como o *nome do desejo*. Parece estranho e alheio ao eu porque é inconsciente, proveniente dos imperativos da pulsão. É o "es" quem insiste, a repetição que se impõe. Portanto, o sujeito não existe por si só, mas surge a partir do *inconsciente*, para Freud.

Pudemos evidenciar melhor, que o psiquismo, assim como a subjetividade, são condições singulares e únicas, ou seja, cada pessoa precisa se estruturar/organizar psiquicamente, como individualização, buscando a congruência interna (e externa), superando progressivamente, o sentimento de inferioridade que nos marca num princípio de vida completamente dependentes de outros, o que por sua vez, interfere e influencia ("cliva") diretamente na estruturação da própria autoestima ao longo da nossa existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Psicologia Humanista, a qual Carl Roger integrou, vimos que o ser humano é movido por uma tendência à auto-realização, ou seja, considera a pessoa como dotada de todas as potencialidades necessárias ao seu pleno desenvolvimento. Neste sentido, ela é revolucionária, pois considera que todos os seres humanos são capazes de mudar e de se



curar, o que, por sua vez, facilita/favorece o processo de recuperação e de investimento nas pessoas.

Vimos que na Psicanálise, o *narcisismo* vai muito além de um processo primário e primitivo do aparelho psíquico, que não é uma doença psíquica e que todos os seres humanos possuem em sua integridade psíquica algum nível de narcisismo. Pois este não é um déficit de funcionamento do “eu”, muito pelo contrário, é um recurso privilegiado que nós humanos temos para lidarmos com as expectativas diárias, as frustrações inevitáveis. Quando bem organizado, o “eu” usa do narcisismo para se defender das tensões externas e internas. A relação entre o narcisismo e o *eu* são essenciais para uma saída saudável do *Complexo de Édipo*, o qual possibilitaria a identificação com o outro primordial, como sendo um *eu ideal*, até ser introjetado pelo *aparelho psíquico* como um *ideal de eu*, que culminaria com a instituição do *supereu*.

Conforme Jung, a pessoa pode projetar uma *personal*/imagem de confiança e equilíbrio que engana a todos e mesmo assim, ainda julgar-se por causa dos seus sentimentos de inadequação social. Ou ainda, pode atender às expectativas dos outros e ainda assim, falhar na própria vida; ganhar todas as honras e títulos, porém, seguir sentindo que precisa de mais; ter milhões de seguidores nas mídias virtuais (que não são sociais) e ainda assim, acordar todas as manhãs com uma dolorosa sensação de desamparo e um vazio interno. Consideremos um astro do rock, mundialmente aclamado, mas que não consegue passar um dia sem fugir para as drogas. Ou um milionário poderoso, nunca contente e satisfeito com o que já tem, confundindo segurança material com segurança emocional.

Então, a subjetividade é uma estruturação/organização singular, mesmo que construída intersubjetivamente. É o que pensamos e o que sentimos sobre nós mesmos, não o que alguém pensa ou sente sobre mim, como: minha família, meu cônjuge, filhos e/ou meus amigos podem me amar, mas, eu não me amar; meus colegas de trabalho podem me admirar e ainda assim, eu me vejo como alguém insignificante e sem valor, etc.

Então, uma estruturação psíquica/subjetiva - ou uma personalização integrada, humanista conforme Winnicott, ou de individuação, do sujeito do inconsciente, do self, com autoestima... - requer muito investimento pessoal, pois permite “ser”, desenvolver-se mais e melhor, viver a e na realidade, dar direção e vazão ao que pensamos e sentimos, o que se quer, enfrentar as dificuldades hodiernas, não ser demasiadamente influenciado pelo olhar dos outros. Saber que é possível sobreviver a fracassos e decepções, ter coragem de recusar abusos, de expressar dúvidas, de tolerar a solidão e o desamparo, sentir-se digno de ser amado mas também, suportar não ser amado/desejado, ou até mesmo, ser odiado e rotulado de egoísta/individualista... mas isso requer busca pessoal, empenho e ajuda, pois é um processo complexo e que dura uma vida inteira.

SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUI 2024



Biomass do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais

De 23 a 27 de setembro de 2024.

XXXII Seminário de Iniciação Científica
XXIX Jornada de Pesquisa
XXV Jornada de Extensão
XIV Seminário de Inovação e Tecnologia
X Mostra de Iniciação Científica Júnior
II Seminário Acadêmico da Graduação UNIJUI

